

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
21 e 28 de Maio de 2025  
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (parte IV)

## MY DREAM IS YOURS / 1949 Os Meus Sonhos Pertencem-te

*Um filme de Michael Curtiz*

*Argumento:* Harry Kurnitz, Dane Lussier, Allen Rivkin e Laura Kerr, a partir da história "Hot Air", de Jerry Wald e Paul Finder Moss / *Diretores de fotografia (35 mm, Technicolor):* Wilfrid Cline e Ernest Haller / *Cenas de animação:* I. Freleng / *Cenários:* Robert Haas / *Figurinos:* Milo Anderson / *Música:* Howard Jackson; as canções, com letra de Ralph Blane e música de Harry Warren: "My Dream is Yours"; "Someone Like You"; "Love Finds a Way"; "Tic Tic Tic"; "You May Not be an Angel"; "Freddie, Get Ready"; "I'll String Along With You"; "You Must Have Been a Beautiful Baby"; "With Plenty of Money and You"; "Nagasaki"; "Canadian Capers" / *Montagem:* Folmar Blangsted / *Som:* Charles David Forrest e C. A. Riggs / *Interpretação:* Doris Day (*Martha Gibson*), Jack Carson (*Doug Blake*), Lee Bowman (*Gary Mitchell*), Adolphe Menjou (*Thomas Hutchins*), Eve Arden (*Vivian Martin*), S. Z. Sakall (*Felix Hofer*), Selena Royle (*Freda Hofer*), Franklin Pangborn (*um agente*), Mel Blanc (*voz do Bugs Bunny/Peralonga*) / *Produção:* Warner Brothers / *Cópia:* digital, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 103 minutos / *Estreia mundial:* Nova Iorque, 15 de Abril de 1949 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Tivoli), 10 de Junho de 1950 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Doris Day atingiu o êxito como cantora em 1945 e durante cerca de vinte anos esteve na crista da onda, antes dos anos 60 a transformarem definitivamente num anacronismo. Ninguém soube captá-la tão bem no cinema como Alfred Hitchcock, que com maravilhosa perversidade eternizou-a no ecrã em **The Man Who Knew Too Much** como antítese das grandes loiras frias e escaldantes do seu cinema (a mais perfeita das quais é sem dúvida Grace Kelly), plasmando-a como aquilo que ela sempre foi e será (afinal, como canta ela *n* vezes neste filme: *che sarà, sarà...*): um exemplo extremo de uma americana louríssima, sensaborona, antisséptica, assexuada, satisfeítíssima consigo mesma, com um sorriso alvar e esporádicas e canhestras expressões de surpresa ou tristeza. Trata-se da vedeta internacional com mais ar de dona de casa do Middle West que se possa imaginar: vedeta precisamente porque parece estar sempre de avental em alguma cozinha da "América profunda" (uma cozinha "de cinema", naturalmente). Mas se foi mestre Hitch que desvendou e fixou a *persona* cinematográfica de Doris Day, mostrando-a como um duplo dela mesma, um *doppelganger*, foi pela mão de Michael Curtiz que esta ariana boneca de vinil chegou ao cinema, em **Romance on the High Seas**, em 1948, seguido pelo filme desta sessão, o segundo que fez. Os dois voltariam a colaborar em **Young Man With a Horn**. Nas suas memórias, *Her Own Story*, ela diz que nunca ambicionara fazer cinema (de boa podíamos ter-nos livrado) e refere-se com as seguintes palavras a Michael Curtiz, quando o encontrou pela primeira vez para o *screen test* de **Romance on the High Seas**: "Curtiz tinha o seu próprio bungalow na Warner, sinal da sua importância na hierarquia do estúdio. Os móveis fizeram-me perceber que Mr. Curtiz era um homem de bom gosto. Era alto, bonito, vestido com roupas caras, tinha cabelo grisalho e espesso sotaque húngaro". Pragmático como sempre, Curtiz pediu-lhe que cantasse, já que era cantora, mas "cantei talvez seis compassos e vim-me abaixo por completo, aos soluços, à beira da histeria. A letra da canção [Embraceable You] atingira-me". Depois de acalmar-se, fez o teste e foi escolhida entre mais de cem candidatas, algumas das quais com algum *pedigree* cinematográfico.

**My Dreams is Yours** ilustra um subgênero clássico do filme musical: o difícil percurso de um/a artista para tornar-se vedeta. Também ilustra um subgênero da comédia americana: aqueles filmes em que há um ou mais personagens que perturbam indefinida e infernalmente os hábitos de alguém e a sua tranquilidade. Embora tanto na produção do filme quanto na sua trama narrativa tudo seja organizado à volta de Doris Day e do seu personagem e *alter ego*, o protagonista do filme talvez seja o incompetentíssimo agente que tenta lançá-la como cantora, cujo desempenho ilustra muito bem o título da história que deu origem ao filme: *Hot Air*, que neste caso significa *conversa fiada*. Este papel coube a Jack Carson, a quem a cantora agradece nas suas memórias com as seguintes palavras: “*Ele ajudou-me muitíssimo a aprender a técnica de representar no cinema. Deu-me montes de dicas sobre como seguir estritamente as marcas no chão para movimentar-se, sem olhar para elas, como posicionar-me nos grandes planos, como manter o equilíbrio de uma cena que é filmada diversas vezes e de ângulos diferentes, de modo que cada «take» condiga com o primeiro*”.

**My Dreams is Yours** começa com planos aéreos e uma voz *off* masculina que parodia o tom um tanto pomposo dos narradores de rádio e fala da Califórnia como de uma terra um tanto exótica e estranha, o que é uma maneira de instalar de imediato o tom do filme. Mal baixamos a terra, a ação começa, com o locutor desta vez num palco como anfitrião de um show, Curtiz tenta dar à narrativa o tom frenético e febril de muitas comédias dos anos 30, sobretudo as *screwball*. Mas tudo avança menos com rapidez do que com alguma confusão e os personagens falam pelos cotovelos, de modo ininterrupto, porém sem conseguirem com que o ritmo narrativo seja rodopiante, como foi nitidamente a intenção. Franklin Pangborn, grande especialista de papéis de maricas mandão dos anos 30, tem um pequeno papel, assim como Adolphe Menjou, protótipo do cavalheiro *débonnaire* que nunca perde a linha (os cinéfilos à *l'ancienne* também sentirão alguma emoção diante da presença de S. Z. Sakal, secundário que marcou presença em **Casablanca**). Pangborn e Menjou estão perfeitos naquilo em que sempre foram perfeitos e as suas presenças parecem confirmar que houve a intenção de retomar não apenas técnicas narrativas, mas também atores do cinema mais tresloucado dos anos 30, num filme nitidamente situado no presente, a tal ponto que, hoje, também tem o aspecto de verdadeiro mostruário de roupas, penteados, chapéus, luvas e automóveis dos anos 40, quando foi feito. Porém, em mais uma referência inábil às comédias dos anos 30, o argumento acumula os obstáculos no percurso do agente e da candidata a cantora (a criança, que acaba sendo esquecida antes do desenlace, o cão, o tio), para preencher os intervalos entre os números musicais, mas os resultados deste humor por acumulação são um tanto pedestres, assim como as intrigas sentimentais. Restam, naturalmente, os números musicais, que são a verdadeira razão de ser do filme. Se não fosse a presença de Doris Day seriam a melhor coisa de **My Dreams is Yours**. São variados, com boas orquestras e incluem inclusive um número com Bugs Bunny/Pernalonga uma *guest appearance* de Piu-piu, duas vedetas do grande cinema de animação da época. Há também um breve número à Carmen Miranda, mas neste domínio Doris Day não chega aos pés de Mickey Rooney e Jerry Lewis. Resta, como pontos de interesse e fonte de pequenos prazeres, a grande habilidade dos responsáveis pelos cenários e pelo guarda-roupa, assim como o esplêndido artifício do Technicolor, numa cópia que foi objeto de esmerada digitalização.

Antonio Rodrigues